

O narrável da guerra e o inimigo objetivo, sob o céu de Hamburgo, em “O mau humor de Wotan”, de João Guimarães Rosa¹



João Batista Santiago Sobrinho²
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
(CEFET-MG – Campus 1)

Para José Carlos Rios Leite *in memmoriám*

*Ah! Minha majestosa mãe, e o Éter
que faz girar ao redor deste mundo
a luz oferecida a todos nós!
Vedes a iniquidade que me atinge?
Ésquilo*

Resumo:

Pretende-se identificar neste conto de João Guimarães Rosa, “O mau humor de Wotan”, gestado no período relativo à Segunda Guerra Mundial, no âmbito das relações interpessoais entre soldados compatriotas, os momentos que culminam na reação radical ao “inimigo objetivo”, conforme “conceituado” pela cientista política Hannah Arendt. É sabido que o plano nazista recaía sobre qualquer um que não se enquadrasse, milímetro que fosse, em sua concepção de povo e nação.

Palavras-chave: Guerra; horror; inimigo objetivo.

¹ Recebido em 10 de maio de 2009. Aprovado em 15 de junho de 2009.

² Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), é professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

Abstract:

We aim here at identifying in the Guimarães Rosa's short story "Wotan's bad humor", written during World War II, concerning the realm of the interpersonal relationships among soldiers of the same origin, the moments that culminate in a radical reaction towards an "objective enemy", a term that was initially defined by the political scientist Hannah Arendt. It is known that the Nazi ideology rejected anyone who did not fully identify himself or herself with its demands related to "people and nation".

Key-words: War; horror; objective enemy.

Resumen:

Se pretende identificar en este cuento de João Guimarães Rosa, "El mal humor de Wotan" – desarrollado en el período de la Segunda Guerra Mundial, en la amplitud de las relaciones interpersonales entre soldados compatriotas – los momentos que culminan en la reacción extremosa a el "enemigo objetivo", de acuerdo con el concepto de la científica política Hannah Arendt. Sabemos que el plan nazi recayó sobre quien no se encuadraba, poco que sea, en su concepción de pueblo y nación.

Palabras-clave: guerra; horror; enemigo objetivo.

O escritor João Guimarães Rosa, com 30 anos, em 1938, assume o cargo de vice-cônsul em Hamburgo, na Alemanha, no qual permanece até 1942, ou seja, em plena Segunda Guerra Mundial. De acordo com Costa, o escritor "vive dias muito difíceis em Hamburgo. A cidade é alvo de bombardeios e a tensão no consulado é imensa" (Costa 2006:16). Ainda, segundo COSTA, Guimarães Rosa "mantém um diário durante sua estadia em Hamburgo, onde registra, ora em alemão, ora em português, trechos de conversas, palavras, e expressões" (Costa 2006:16). Por exemplo, o escritor registra em

19-VI-940 – Estou escrevendo na cama, ao som dos estampidos da Flak [defesa anti-aérea alemã]. Alguns são tétricos: como sôcos retumbantes dados por punhos enormes no bojo elástico do ar alto. Outros rebimbam festivos. Uns tocam bombo ou tambor.

[...] Às vezes, parece que uma pedra grande cahiu para cima, cahiu no céu sonoro, que é água enorme, lagôa concava (e sonora). Escuto, baixo, nítido, sportivo, automobilístico, trepidante, o zumbido da *Royal Air Force*. [sic]. (Rosa apud Costa 2006:16)

Um registro nitidamente poético, em que pese a fúria do momento de enunciação. A plasticidade das imagens alça-o, como um menino comumente mescla-se ao irreal e alheia-se sob quaisquer circunstâncias. Para não sucumbir ao horror da guerra, os “sons tétricos” são alegorizados por um gigante de “enormes punhos”, um titã furibundo dando socos no ar. Em seguida, utilizando-se de imagens uterinas, o céu de Hamburgo transforma-se em água, em lagoa, em nítida referência materno-mineira. Os sons tonitruantes das bombas, disparos e contra disparos, filtram-se por um sertão de água e sonhos. Todo o texto rosiano, pode-se dizer, apresenta-se como uma espécie de fuga da “corriqueira problemática quotidiana, a qual tentava, sempre que possível, converter em irrealidade” (Rosa 1967:101). Não aderir à crueza da realidade é critério imprescindível à sobrevivência.

A plasticidade rosiana é análoga a um impulso que Nietzsche chama de “força plástica”, conceito que, de acordo com este filósofo, se define pela

força plástica (plastische Kraft) do indivíduo, do povo ou da cultura em questão, quer dizer, esta força que permite a alguém desenvolver-se de maneira independente, transformar e assimilar as coisas passadas ou estranhas, curar as suas próprias feridas, reparar as suas perdas, reconstituir por si próprio as formas destruídas. (Nietzsche 2005:73)

O conto “O mau humor de Wotan” gestou-se a partir das experiências do escritor com amigos alemães na Segunda Guerra Mundial. Com ares autobiográficos, foi publicado pela primeira vez no Jornal *Correio da Manhã*, em 29/02/1948 (Costa 2006:18) e reeditado, postumamente, no livro *Ave Palavra*.

Encontra-se ao final do romance *Grande sertão: veredas* a expressão: “O que existe é o homem humano. Travessia” (Rosa 1956:571). Nesse sentido, percebe-se nesta análise a presença do deus Wotan analogamente ao modo como os Gregos percebiam seus deuses, isto é, são personificações das forças terrenas. Wotan é o deus da guerra alemão, encarnado naqueles propensos a condicioná-lo. Espécie de *Daimon*, ele é uma intimidade que aflora.

O horror desassistido e sutil passa subsumido em pequeno lance cotidiano. A história narrada continua seu curso linear, lotando seu vagão de casos excelsos. A relevância de um acontecimento depende de sua capacidade de propagação. Inúmeros “agoras” desaparecem a-históricos “num tempo homogêneo e vazio” (Benjamim 1985:229). Contrariando esse tempo denunciado por Benjamim, “O mau humor de Wotan” narra a estória de Hans, um soldado do exército alemão e Márion, sua esposa. De acordo com o narrador, o próprio Guimarães Rosa ficcionado, Hans-Helmut Heubel, é um homem se não rico, certamente, remediado, que “relia ou a Cabala ou a Bíblia e cria num destino plástico e minucioso, retocável pelo homem” (Rosa 1985:9), isto é, acreditava no aperfeiçoamento do homem. Seu crime, conforme acolhe a perspectiva desta apreciação crítica, terá sido o de não solidarizar-se intimamente com o horror e deixar transparecer.

Em 1938, quando “maduros os morangos, tendo flor os castanheiros, já se falava com ira na Inglaterra, por causa da Tchecoslováquia” (Rosa 1985:9). Com a anexação da Áustria pelos nazistas, a Tchecoslováquia se vê cercada. Hitler, totalitário, deseja ardorosamente o território theco. A ira a que se refere o trecho rosiano acima, pode-se inferir, é relativa ao fato de a Inglaterra se ver implicada num possível conflito com Hitler. A Tchecoslováquia, como o “Acordo de Munique”, termina por ser anexada à Alemanha. Segundo Hobsbawm, este é o acordo em que França e Inglaterra, representantes da Thecoslováquia, concordavam, em nome da paz, com a transferência de partes da Thecoslováquia para Hitler. “O acordo de Munique, em outubro despedaçou a Tchecoslováquia e transferiu grandes partes dela para Hitler, mais uma vez pacificamente” (Hobsbawm 1995:148).

O clima do conto, em seu início, mistura o soturno da guerra ao amor e a alegria, inspirados pelo narrador e seus amigos Hans e Márion. Apesar da proximidade da guerra,

os jovens casais remavam seus barcos para debaixo dos salgueiros-chorões, paravam por lá escondido tempo, só saíam para se encostar no cais da Uhlenhorster-Faerhaus, onde os garçons de blusa branca serviam-lhes sucos de maçãs e sorvetes, enquanto a orquestra, ao livre, solvia Wagner e Strauss. (Rosa 1985:09)

Mesmo a evocação ao *Fuehrer* ocorre num clima de leveza. O narrador, diante da afirmativa de Márion, de que iria se casar e ter filhos, pergunta-lhe se os filhos seriam para obedecer ao *Fuehrer*, Márion responde-lhe “– “O *Fuehrer* não encontra tempo para amar... O *Fuehrer* sagrou-se à política” (Rosa 1985:9). A simpatia de Márion por Hitler é, diz o narrador, “romântica, tonta e femininamente prenhe de prudência” (Rosa 1985:10). Essa descrição invalida um traço de engajamento puramente nazista em Márion e aviva-lhe a prudência como traço de sobrevivência. Comprova-o a passagem em que Márion, preocupada com Hans, deseja aproximá-lo “à linha de *heil Hitler* mais enfático” (Rosa 1985:10). Todavia é Hans quem a converterá “à sua essencial filosofia” (Rosa 1985:10).

O diálogo à sombra da guerra também propicia afinidades entre o pensamento de Márion e o do narrador e confirma o que pensava o escritor Guimarães Rosa sobre a política. Na entrevista a Günter Lorenz, o escritor diz: “A política é desumana porque dá ao homem o mesmo valor que uma vírgula em uma conta. Eu não sou um homem político, justamente porque amo o homem. Deveríamos abolir a política” (Rosa 1994:41). Como diplomata e sonhador, comentando o risco que correu ao “arrebatar judeus da mãos da Gestapo”, nesta mesma entrevista citada acima, Guimarães Rosa acrescenta: “O diplomata acredita que pode remediar o que os políticos arruinaram” (Rosa 1984:42).

Hans, na esfera política dos interesses do Estado, ou seja, do poder, como soldado, mostrar-se-á elo distante e frágil. De fato, na guerra, espécie de radicalidade de determinadas ações políticas, os homens transformam-se em números. E Hans, nesse sentido da relação com o Estado totalitário, não aderindo às imposturas totalizantes, coloca-se em risco, transforma-se, assim, em “inimigo objetivo”. De acordo com Hannah Arendt

o inimigo objetivo é definido pela política do governo e não por demonstrar o desejo de derrubar o sistema. Nunca é um indivíduo cujos pensamentos perigosos tenham de ser provocados ou cujo passado justifique suspeita, mas é um “portador de tendências”, como o portador de uma doença. (Arendt 2007:474)

Este triângulo entre o narrador, Márion e Hans, “o menos belicoso dos homens” (Rosa 1985:10), descortina, pois, um humor, uma alegria ingênua que, liberta de qualquer artificialidade, os sobressai em tempos assoberbados por máquinas de matar. O narrador parece nos dizer que a guerra, conforme percepção de Walter Benjamin, não traduz nenhuma experiência narrável:

com a guerra mundial tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável” (Benjamin 1985:198).

O narrador, pode-se dizer, experiencia o que benjamim denuncia no trecho acima: “Na penumbra do grande hall da Hauptbahnhof, maior era a muda procissão dos soldados que des-e-embarcavam” (Rosa 1985:14).

Márion transborda experiências comunicáveis, eivadas de reminiscências, como Hans. São eles, e não a guerra, que conduzem a narrativa. Talvez, por essa razão, semelhante ao pensamento benjaminiano, Guimarães Rosa não permite que a guerra soterre as vivências comunicáveis.

Clama-as na enunciação e (re) clama-as no enunciado. Busca-as, sobremodo, não onde tropejam os canhões, mas nos gestos interpessoais. Resgata-os de entre os tentáculos-ruínas da Guerra, e o faz desvelando, também, o antiquíssimo furor-humor próprio dos homens, sua *hybris*, ou seja, o exagero. Sobre essa interpessoalidade, Benjamin afirma:

a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos (Benjamin 1985: 198).

O clima existente-exalante de Hans e Márion advém das narrativas orais, como a estória de João e Maria, coletada pelos alemães Jacob e Wilhelm, mais conhecidos como irmãos Grimm. No início do século XIX, eles se notabilizaram pelo registro de fábulas infantis. A semelhança do conto “O mau humor de Wotan” com a narrativa oral, além narrar experiências transmissíveis, evoca-se, ao mesmo tempo, na ingenuidade e alheamento com que Hans (João) e Márion (Maria) transitam pelos ambientes da guerra. Comportam-se, apesar da manifesta prudência de Marion, como se “alheios” aos perigos circunstantes, como João e Maria não os percebem na floresta. Especialmente Hans. Nesse sentido, da relação entre a floresta e a guerra que este texto explora, referindo-se aos alemães, Elias Cannetti afirma: “o símbolo de massa dos alemães era o *exército*. O exército, porém, era mais do que um exército: era a *floresta em marcha* (Canetti 1995:171). O conto em apreciação infiltra na realidade da guerra mitos e lendas do imaginário alemão.

O estilo rosiano, em “O mau humor de Wotan”, está aparentemente mais realista se comparado a outras peças desse escritor, em virtude de seu aspecto auto-biográfico. No entanto, um olhar mais apurado o verá tentacular-se para os mitos e mistérios escriturais que, peculiarmente, caracterizam o texto desse autor.

O narrador é um enamorado de Márion. Contudo, Márion expõe-se-lhe em esplendida e esquiva mocidade. Amava um outro João, o Hans-Helmut Heubel. João Guimarães, cavalheiro de estirpe, atrasado, termina este futuro-fracassado triângulo amigo de Hans que, enfim, se casa com Márion. Em lua de mel, foram para Bruxelas, após retornarem “a Hamburgo, a Polônia estava finda” (Rosa 1985:10).

Hans-Helmut apresenta-se ao exército alemão, mas não é recrutado. O narrador, por isso, felicita a sorte de Hans. Em seguida, especulando sobre as forças políticas que se digladiam naquele momento, refere-se a uma luta travada entre Hitler e Churchill: Enquanto o narrador e Frau Madsen, mãe de Márion, tendiam para Churchill, Hans e Márion tendiam para Hitler. Afirma o narrador “lutava-se em sinuoso, pelo direito de uma alma, nos amáveis serões em que brincavam-se adivinhações inocentes ou se jogava o skat [jogo de cartas]” (Rosa 1985:10). Finalmente, Hans é recrutado pelo exército. “E foi despreocupado que Hans partiu” (Rosa 1985:10).

Apesar dos rigores da guerra, “Hans-Helmut se colocara por poder de sua estrela [sorte, destino]: distribuído ao Estado-Maior da Divisão, dobrava as funções de chofer e dactilógrafo” (Rosa 1985:11). Serviços condizentes com o físico de Hans, que era insignificante fisicamente e míope. De acordo com o narrador,

no escritório, sim, agradava imaginá-lo, sua prezada silhueta mercantil-metafísica, acudindo à palavra ‘burguês’, mais vivo sublimada, no que seu sentido tenha de menos obtuso” (Rosa 1985:11).

Nesse momento, o narrador acreditava que Hans-Helmut escaparia às fileiras prussianas. Acreditava em Hans e sua estrela: “recomecei a aceitar sua tese: Hans-Helmut não dava, no coração, mínimo pouso à guerra, e pois o destino fora da guerra o suspendia.” (Rosa 1985:11). Furtando-se de sentir a guerra, Hans se protegia. Mas

quem irá, porém, esmiuçar o grão primigerador, no âmago de montanha, ou o nó causal num recruzar-se de fios, dos milhões desses que fiam as Nornas? Porque todo minuto poderia ser uma origem. (Rosa 1985:11)

No momento em que “Márion conhece Annelise” (Rosa 1985:11) configura-se, possivelmente, o “minuto origem”, “nó causal” ou “grão primigerador”, início da ruína de Hans. Primigerador traz consigo a junção de primeiro+gerar+dor. Espécie de resumo dos acontecimentos que recairão sobre Hans. Ainda que tudo possa ter “começado [admite o narrador] descuidadamente ou deixadamente, em Heubel mesmo – para aceitarmos sua crença pia” (Rosa 1985:11).

Annelise e Márion ficaram amigas. Aquela era esposa de um certo Capitão K. Logo Hans-Helmut e Capitão K. ficaram, também, amigos. Isso, de acordo com o narrador, não era incomum nos “exércitos do II^o e 1/2 Reich” (Rosa 1985:12). A essa altura a França já havia caído e a “Luftwaffe [força aérea alemã] quebrava o seu martelo na bigorna inglesa” (Rosa 1985:12). Na mesma página em que se narra a boa estrela de Hans, narra-se, como vimos acima, a representação das forças (as Nornas, deusas nórdicas que controlam a sorte) que encaminharão Hans ao trágico destino: o horror.

Hans-Helmut aproveitando-se que a 117^o Divisão retornou a Hamburgo, veio junto. Trouxe presentes para todos e estava mais gordo, o que, segundo o narrador realçava-lhe a bonomia do rosto. Além de presentes para a esposa, trouxe um tecido para um *smoking* e garrafas de vinho. Afrancesara-se. “Sim, requintara-se em várias coisas” (Rosa 1985:12) De modo algum sentia-se verdadeiramente envolvido na guerra. Usando de expressões francesas ele diz:

“- *Les Français, vous savez... Tja, die Franzosen... Sabem beber, inventaram essa arte ... Um cálice, antes do jantar l'apéro, un verre... O conhaque, à noite: Encore une fine! Prosit, ma p'tite!*” - tocava copo com Márion. - “*Tu es pasmal... Je t'aime...*”(Rosa 1985:12).

Neste momento alguém pergunta a Hans sobre a guerra. Descontraidamente responde que sua divisão vinha na retaguarda e que quase não houve combates. “De fim pimpou a ponta do nariz um dedo, por engraçado trejeito remexendo os lábios. - “Da guerra, vi apenas cavalos e cachorros mortos, felizmente...” (Rosa 1985:12). Segundo o narrador, com isso Hans negava a realidade da guerra “fiel ao sentir certo e a disciplina do pensamento” (Rosa 1985:11), falava assim, “do modo com que falam os lentos hanseatas” (Rosa 1985:11). Como se nada dissesse, queria encurtar qualquer conversa sobre a guerra. No entanto, a frase “Da guerra, vi apenas cavalos e cachorros mortos, felizmente”, ganhasse estranha “força e forma: solta, concisa, fácil para ser guardada” (Rosa 1985:13).

No tempo que Hans permaneceu em Hamburgo, ele e o narrador se encontravam com frequência. Em um desses encontros, Hans argumentava: “Sul-americano, você deseja a vitória dos países conservadores. Mas, nós, alemães, mesmo padecendo o Nazismo, como podemos querer a derrota? Que fazer?” (Rosa 1985:13). O narrador atacava Hitler. Hans, em certo momento calou-o citando o ministro da propaganda de Hitler:

Goebbels, o sinistro e astuto, que induzia a Alemanha, de fora a fundo, com a mesma inteligência miasmática [contaminada], solta, inumana, com que Logge, o deus do fogo, instigava os senhores do Walhall, no prólogo dos Nibelungen” (Rosa 1985:13).

A essa altura o vinho borgonha que Hans trouxera da França havia acabado, brindavam, agora, com o mozela, sob os zunidos dos aviões da RAF. As árvores perdiam as folhas e o outono chegava ao fim, “com tristeza e o escuro, como se descendo por um subterrâneo” (Rosa 1985:13).

Márion aceita um convite para jantar na casa de Annelise. Jantaram, portanto, na casa do capitão K. Lá se encontrava, também, Dr. Schw que, à distância, não causará boa impressão ao narrador. Nesse momento, Márion clamava pelo fim da guerra, mas o fazia “longe das presenças da Gestapo” (Rosa 1985:14). O plural do substantivo “presença”, no trecho acima, leva-nos a inferir que a “Gestapo”, abreviação de Geheime Staatspolizei (Polícia Secreta

do Estado), era um espécie de paradigma de incorporação dos ideários nazistas pretendido pelo poder totalitário, que se podia manifestar, em qualquer um, para além da polícia secreta de Hitler.

Márion engravida-se. Hans continua guiando automóveis e datilografando. O inverno faz a guerra cada vez mais hostil. O filho de Márion Nasce. Onde está Hans? O narrador vela-nos habilmente, neste momento, essa informação. Colocando-a em forma de pergunta: “Hans continuava guiando automóveis e datilografando? Mário responde afirmativamente.

Bombardeios roncavam no ar. O inverno segue rigoroso. O narrador encontra-se com Márion e sua mãe à porta de um teatro. Informa-lhe Frau Madsen, ao pé do ouvido, que a Divisão de Hans moveu-se para outro lugar. O narrador confia na supostamente infalível sorte de Hans. Acredita que este sobreviverá. Assistem a peça de teatro: “como a peça era viva e diferente do tempo, um pouco nos alegramos” (Rosa 1985:15). É neste momento que o narrador avista o “Dr. Schw. Seco, unssimpathisch? (...) externo, espesso, sem feitio nem aura” (Rosa 1985:15).

O tempo passa. O narrador sente que algo está errado. Imagina se Márion havia lhe dito tudo. Pergunta-lhe para onde enviaram Hans. Márion sofre. O narrador a consola: ele voltará “bravo e bom” (Rosa 1985:16). Márion pede ao narrador que envie “cartas animadoras” a seu marido.

Bombas caem em Belgrado. O narrador clama por filosofia e arte, enquanto renega o nazismo:

“Tratemos de Heráclito, de Sófocles – arre ondeia a suástica sobre Himeto e Parnaso – detém ninguém o correr dos carros couraçados. Vem os soldados cruzam-se com o regresso de andorinhas e cegonhas. Já se combatia em Creta. Mas sob canhões e aviões, o incerto velho oceano, roxo mar dos deuses, talassava, talassava...” (Rosa 1985:17)

Novamente os gregos, evocando outros combates, invadem o espaço da guerra. A expressão “talassava”, no trecho acima, é exclamação “utilizada pelos

soldados gregos ao avistarem as águas do ponto Euxino, depois de dezesseis meses de retirada. Etimologia calcada no vocábulo grego *Thálassa, ês* ‘mar’” (Houaiss 2001:2660). Percebe-se, também, uma referência que dialoga com o *Prometeu acorrentado* de Ésquilo, pois nesta obra, bem no início do texto esquiliano, o “Poder” e “Força”, forças auxiliares de Zeus, narram o momento em que Hefesto, deus do fogo, irá acorrentar Prometeu, titã que roubou o fogo e a técnica de Zeus e passou aos homens: “aqui estamos nós, neste lugar remoto, marchando num deserto, pelo chão de Cítia, onde nenhuma criatura humana vive” (Ésquilo 2004:15). Hans deparar-se-à com essa região, quando o exército alemão adentrar pela Rússia e sucumbir à fúria da natureza. De acordo com o texto esquiliano, essa é “região remota e deserta correspondente a maior parte da atual Rússia na direção do Oriente” (Ésquilo 2004:66). Em certa medida é a técnica (a própria experiência nazista) em seu excesso de racionalidade, sucumbindo às forças do deserto, “onde nenhuma criatura humana vive”. Guimarães Rosa é um autor cujo texto estabelece profundos vínculos com a cultura grega, a qual possui fortes lastros com a natureza, característica, também, rosiana. De acordo com Umberto Galimberti

a experiência nazista, não pela sua crueldade, mas justamente pela *irracionalidade que nasce da perfeita racionalidade de uma organização*, para a qual ‘exterminar’ tinha o mero significado de ‘executar um trabalho’, pode ser assumida como evento que marca *o ato de nascimento da idade da técnica*. [...] capaz ainda hoje de assinalar que, se não formos capazes de nos colocar à altura do agir técnico generalizado, com dimensão global e sem lacunas, cada um de nós cairá nas malhas dessa irresponsabilidade individual que permitirá ao totalitarismo da técnica continuar avançando irreversivelmente, agora até sem a necessidade do apoio das superadas ideologias. (Galimberti 2006:24)

Se não há hoje, conforme afirma Galimberti, um apoio ao totalitarismo da técnica por ideologias superadas, há o totalitarismo puro e “simples” da

técnica que seria combatido pela nossa capacidade de nos colocarmos à altura do agir técnico. Para tanto e, sobretudo, alerte-se da necessidade do conhecimento reflexivo sobre o que vem a ser técnica, exposto de maneira ampla, mas não acabada no livro do próprio Galimberti, *Psique e techne*, aqui citado. Vive-se uma época de profunda adesão irrefletida à técnica, refletir é preciso, para não melindrar, novamente, “Wotan”.

Márion recebe carta de Hans, que “fala numa cidade medianamente grande, pastores com gugla, camponesas de largos aventais floridos... Sim, tenta dizer-nos que está na Romênia... Em Constanza, você acha?” (Rosa 1985:17). Numa outra carta que segue a essa, enviada ao narrador, Hans pinta, finalmente, um quadro da guerra, ainda que não se refira a pessoas mortas:

“... E pior é ter de avançar, dias inteiros, pela planície que nunca termina. Meus olhos já estão cansados. Raramente enxergo um trigal, choupanas. Chove, e a lama é aferrada, árdua. O russo se retrai com tal rapidez, que nunca os vemos. Quando você estiver com Márion, diga-lhe que nela penso todo o tempo, e no menino...” (Rosa 1985:17)

O recorte acima é uma imagem da guerra muito mais pelo tom melancólico. É como se Hans, mesmo precariamente, recusasse, ainda, o horror. O narrador responde-lhe a carta e pede-lhe que mantenha sua consciente crença. Em breve o destinatário, Hans, se torna inalcançável. As cartas não lhe chegam e voltam. Márion se desespera e chama o amigo.

Só, então, ela narra os acontecimentos ocorridos durante o jantar na casa de Annelise e do capitão K, do qual participou, também, o pai de Annelise, o Dr. Schw. Um homem austero,

um homem crasso, persuadido, sem grão de alma. Vivendo de cor os conceitos: glória, o que mal sei, mais-pátria e raça... os desses. Discursam, pisando na mão de uma criança” (Rosa 1985:18).

Enquanto o capitão K. descrevia as façanhas da Wehrmacht (força de defesa alemã), na França e na Bélgica, só era interrompido pelo Dr. Schw e suas doutrinas. De acordo com Márion, Hans os escutava “feliz e ingênuo”. Mas, na hora do café, o Dr. Schwartz quis ouvir de Hans sobre a guerra. Sorrindo para Márion, Hans respondeu ao Dr.: “*Ora, eu, da guerra, só vi uns cachorros e cavalos, mortos, felizmente.*” (Rosa 1985:18). Não percebesse Hans o teor ambíguo e por isso mesmo perigoso de sua fala? De acordo como narrador, não o dissesse por mal. Por graça de desviar-se para outros assuntos. Mas

Dr. Schwartz cerrou-se em emburro e carranca. Seu desdém era rancor, demonstrativo. Turvou-se e gelou-se, lá, de nada a boa vontade de Annelise. A seguir, quase, saímos...’ - E desde... Dali a meia semana. Hans-Helmut reconvocato. Causal? (Rosa 1985:18-19).

Hans-Helmut foi transferido. Transferiram-no para atuar sob as ordens do capitão K. . Pareceu-lhe bom, ficar sob as ordens de um amigo. Hans o procurou. Nesse sentido, Márion afirma: “Sabe como o capitão o viu? - ‘Aqui não haverá espécie de intimidade, tibieza, epicurismos!’ - repelente, vexante” (Rosa 1985:19). Capitão K. zanga-se especialmente com o espírito livre de Hans que, como se seguisse a doutrina de Epicuro, buscasse garantir sobre tudo mais “a tranquilidade do espírito” (Abbagnano 2000:337). O que equivale dizer: relegar os ideais nazistas para um segundo plano. Nesse sentido, Capitão K. “executará seu trabalho” como um técnico perfeito ante a ameaça do “inimigo objetivo”.

Hans não teve treinamento de soldado. Chegou ao *front* num momento aguerridíssimo, de ofensiva. Márion procurou Annelise, para que esta intercedesse pelo marido, no entanto foi desprezada. Segundo Márion, o que oprimia Hans-Helmut, “não era o medo, o risco, a ânsia de livrar-se. Só o horror enorme da maldade... Assim puderam matá-lo – primeiro nele, alguma coisa...” (Rosa 1985:19). O que matam é a plasticidade do olhar desviante de Hans, conforme acredita Márion. Mataram nele a possibilidade

de não ver o horror. Nota-se-lhe esta morte lenta em suas últimas cartas. Assombra-o, finalmente, a guerra.

Hans-Helmut Heubel morreu. Recebeu seu corpo uma cruz-de-ferro. Ficou ali, ao chão, nas estepes do Nogai. Sua concepção de destino e vida, o narrador faz sobreviver enquanto o texto rosiano existir. Essa concepção do olhar desviante a percebemos num outro conto de Guimarães Rosa, “Nada e nossa condição”, quando o protagonista e personagem desse conto, Man’ Antônio, diante das intempéries da vida, “faz de conta” (Rosa 1969:82) que elas não existem. E mesmo a arte, em todas as suas manifestações, não é espécie de “faz de conta”, desvios do olhar, poesia, arte, epicurismo?

Esta análise iniciou-se, justamente, demonstrando como que Guimarães Rosa transforma plasticamente a barbárie da guerra em imagens uterinas. Ter-se-á, por compromisso sisudo, que guardar solenidades de honras e orgulhos bélicos sempre que a guerra aportar? O que está em questão no conto “O mau humor de Wotan” estará sempre no âmbito das relações humanas. O que se disser ou viver, fora dos padrões estabelecidos, um ouvido outrem poderá colher e saborear aos diversos modos por proveito ou por respeito.

Mas, ao que este texto se reporta foge a qualquer tentativa de dualidade. São circunstâncias a que os sujeitos históricos, devido a razões inscritas em seus corpos, vivem. Hans encontrou modo singular de resguardar-se do horror, muito semelhante ao modo como Guimarães Rosa vivenciou certas imagens da guerra. Em que pese cumprir ordens, Hans recusava-as, entoando estilo próprio. Seu espírito era livre, mas seu corpo emprestava-se aos códigos bélicos. Jamais mostrou-se convictamente afeiçoado aos propósitos nazistas. Apenas disse que, como alemão, não gostaria de perder a guerra. “Mas, nós, alemães, mesmo padecendo o Nazismo, como poderemos querer a derrota, que fazer?” (Rosa 1985:13). No entanto, travou amizade com pessoas que acreditavam nos méritos, meios e fins da guerra. Ingenuamente comportou-se entre estes como entre os que o estimavam e, de fato, compreendiam a plasticidade da frase, “da guerra, só vi uns cachorros e cavalos, mortos, felizmente”, como estratégica pictórico-desviante do horror.

A força instrumento que recai sobre Hans, a narrativa leva-nos a presumí-la como advindas do capitão K., e do Dr. Schw. Confirma-o o testemunho de Márion, e o curto espaço de tempo entre a frase dita ao jantar e a mudança de Hans do Estado-Maior para o *front*. Desse modo, o “mau humor de Wotan”, converte-se na marca precípua do totalitarismo. O homem quando convertido inteiramente à causa ideológica, desaparece de si todo e qualquer outro traço que não transborde esta causa. Capitão K. e Dr. Schw são crentes a serviço de uma causa. Hans, ao contrário, transpirava as delícias do mundo, o vinho, a paisagem, o amor, as leituras, a alegria e o dinheiro, que lhe proporcionava tudo isso, em detrimento do propósito fixo e asfixiante guerra. Cultivava os prazeres da vida como aparência e os jogava como um “véu de Maya”, diria Schopenhauer, sobre as ruínas da guerra. Citando a antiga sabedoria indiana, Schopenhauer afirma

Maya é o véu da ilusão, que, ao cobrir os olhos dos mortais, lhes faz ver um mundo que não se pode dizer se existe ou não existe, um mundo que se assemelha ao sonho, à radiação do sol sobre a areia, onde de longe, o viajante acredita ver uma toalha de água, ou ainda a corda atirada por terra, que ele toma por uma serpente. (Schopenhauer 2001:14)

O que está implícito no conto é a obediência cega de uns e a liberdade aprisionada de outro, respectivamente o capitão K., o Dr. Schw e Hans. O que está em questão é a improbidade de decidir sobre a vida de outrem. O que está em questão é a diferença, para além dos uniformes e o legado da(s) morte(s) sob os auspício do horror. O uniforme veste corpos, não pessoas. Já as pessoas se deixam ou não uniformizar-se, se deixam ou não formatar-se. Eximí-las de arbítrio é tratar de outras esferas, responsabilizá-las, simplesmente, sem acuidade reflexiva, é relegar a história e as forças que a regem.

Hans ignorou a hitória, a guerra e o horror, valendo-se de sua plasticidade. Achava que assim se manteria longe da barbárie. De acordo com Nietzsche, na faculdade de ignorar a história “reside o único fundamento sobre

o qual pode crescer algo de bom, saudável e grande, algo verdadeiramente humano (Nietzsche 2005:75).

No conto, vê-se que não se podia clamar pela paz perto da Gestapo, tão pouco relegá-la a segundo plano. Hans e o Capitão K. viram-se em outros momentos e, possivelmente, deve ter-se comportado comumente. Talvez não tenha dito antes a frase “ruído”, gota d’água, aos ouvidos arianos, mas tenha se mostrado por demais mundano e distante do disciplinário exigido pelo *Fuehrer* e, portanto, eliminável.

Enviar Hans ao *front*, em vista de tudo que dissemos acima, é concebê-lo como “inimigo objetivo”. Ao fim, diz o narrador, referindo-se a Hans: “Ninguém fale, porém, que ele não mais existe, nem que seja inútil sua concepção do destino e da vida, ou que um dia não venham a ser ‘bem aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra’”(Rosa 1985:19). O que está em questão, novamente, é a diferença contra a hegemonia totalitária.

A reflexão, nos moldes do texto que se encerra, está convicta de que seus “postulados” não seguem rígidas certezas, mas postam-se perspectivamente, de um ponto migrante rumo a tentativa, quase sempre precária, de entender a aventura humana.

Referência bibliográfica

ABBAGNANO, Nicola. 2000. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.

ARENDT, Hannah. 2007. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

BENJAMIM, Walter. 1985. *Magia, técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.

CANETTI, Elias. 1995. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras.

COSTA, Ana Luiza Martins. 2006. Veredas de viator. In: *João Guimarães Rosa*. Cadernos de Literatura Brasileira. São Paulo: Instituto Moreira Salles.

Revista Investigações

ÉSQUILO. 2004. *Prometeu acorrentado, ájax, alceste*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

GALIMBERTI, Umberto. 2006. *Psique e techne*. São Paulo: Paulus.

HOBBSAWM, Eric. 1995. *Era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras.

HOUAISS, Antonio. 2001. *Dicionário houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. 2005. *Escritos sobre a história*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio.

ROSA, João Guimarães. 1985. *Ave palavra*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

_____. 1984. *João Guimarães Rosa ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

_____. 1969. *Primeiras histórias*. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

_____. 1956. *Grande sertão: veredas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

SCHOPENHAUER, Arthur. 2004. *O mundo como vontade de representação*. Rio de Janeiro: Contraponto.